

O problema do eterno retorno

The problem of eternal return

El problema del eterno retorno

DOI: 10.54033/cadpedv22n6-189

Originals received: 3/17/2025

Acceptance for publication: 4/10/2025

Hermes Urebe Guimarães

Mestrando em Comunicação Social

Instituição: Escola Superior de Propaganda em Marketing (ESPM)

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: urebe@yahoo.com.br

Antônio Adami

Pós-Doutor em Comunicação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: antonioadami@uol.com.br.

RESUMO

Este artigo aborda um pensamento inato ao homem, tanto em termos históricos quanto subjetivo, a partir do qual o ser constrói a noção mais rudimentar das engrenagens do mundo. Ao supor o aprendizado e a vivência sintomas da experiência, seu regresso ao ponto de origem (primeira lembrança de si), permite divisar nuances e minúcias antes despercebidas. Demais disso, a arte de incutir saberes que a outro modo seriam inapreensíveis, sobretudo ao tratar a questão como se palimpsesto fosse, floreando escritas, fatos e hipóteses sobre o subentendido, utiliza-se das entrelinhas para alinhar algo maior que o propósito do indivíduo permitiria. O intento aqui disposto pretende entender as conexões semânticas das primeiras religiões, e de uma visada mais prática, passeia, ainda que de modo superficial, sobre os desdobramentos do pensamento Ocidental. O método utilizado consiste no comparativo analítico livre. Podem ser citadas como obras de base Dicionário de Símbolos, de Chevalier e Gheerbrant (2000); Discurso do método, de Descartes (2006); Assim Falou Zaratustra, de Nietzsche (2006) e, Alquimia & Misticismo, de Alexander Roob 1997).

Palavras-chave: Descartes. Estóicos. Niilismo. Eterno Retorno. Reconstrução. Shiva.

ABSTRACT

This article addresses a thought innate to human, both in historical and subjective terms, from which the being constructs the most rudimentary notion of the world's gears. By assuming that learning and living are symptoms of experience, its return to the point of origin (the first memory of oneself), allows one to discern nuances and details that were previously unnoticed. In addition, the art of instilling knowledge that would otherwise be incomprehensible, especially when treating the issue as if it were a palimpsest, embellishing writings, facts and hypotheses on the implied, uses the subtext to stitch together something greater than the individual's purpose would allow. The intent here is to understand the semantic connections of the first religions, and from a more practical perspective, it explores, albeit superficially, the developments of Western thought. The method used consists of free analytical comparison. The following basic works can be cited: Dictionary of Symbols, by Chevalier and Gheerbrant (2000); Discourse on the Method, by Descartes (2006); Thus Spoke Zarathustra, by Nietzsche (2006), and Alchemy & Mysticism, by Roob (1997).

Keywords: Descartes. Stoics. Nihilism. Eternal Return. Reconstruction. Shiva.

RESUMEN

Este artículo aborda un pensamiento innato al hombre, tanto en términos históricos como subjetivos, a partir del cual el ser construye la noción más rudimentaria de los engranajes del mundo. Al asumir el aprendizaje y vivencia síntomas de la experiencia, su retorno al punto de origen (primer recuerdo de uno mismo) nos permite discernir matices y detalles antes desapercibidos. Además, el arte de inculcar conocimientos que de otro modo serían inaprensibles, especialmente cuando se trata el tema como si fuera un palimpsesto, escritos florecientes, hechos e hipótesis sobre el significado subyacente, utiliza el subtexto para improvisar algo mayor de lo que permitiría el propósito del individuo. El objetivo aquí es comprender las conexiones semánticas de las primeras religiones y, desde una perspectiva más práctica, abarcar, aunque superficialmente, los desarrollos del pensamiento occidental. El método utilizado consiste en la comparación analítica libre. Como obras básicas se pueden citar las siguientes: Diccionario de símbolos, de Chevalier e Gheerbrant (2000); Discurso del método, de Descartes (2006); Así habló Zaratustra, de Nietzsche (2006), y Alquimia y misticismo, de Roob (1997).

Palabras clave: Descartes. Estoicos. Nihilismo. Eterno Retorno. Reconstrucción. Shiva.

1 INTRODUÇÃO

A centelha responsável por pensar Comunicação, ocupa-se *grosso modo* de fenômenos sociológicos e influências midiáticas. Outrossim, sob o guarda-

chuva das teorias cognitivas, e de esbate, teorias da linguagem, essa última utilizada em especial para cativar um determinado tipo de audiência, acerca-se do universo dos signos e da representação, abstrata-virtual e concreta-real, e todo o jogo semântico possível de se lhe extrair.

Esse impulso inicial do pensar, quando contido nas esferas dos fenômenos e das influências midiáticas, guarda relação com fogo fátuo, expõe à lume seu brilho em terreno estéril para depois dar lugar a outra combustão vizinha, que se aproveitará das mesmas condições, todavia premiada com combustível renovado. A teoria que antanho era inédita, logo se torna obsoleta, incapaz de cobrir suficientemente o estado das coisas em ininterrupto movimento, razão pela qual outra lhe segue.

Na medida em que o objeto de estudo da Comunicação se desloca do evidente para o não-dito, ou melhor, para o insuspeito, o campo de análise se espalha infundável, e aquela centelha que antes carecia de maior previsibilidade do comportamento humano, agora incendeia crenças com seu proselitismo cético.

O que tem a forma de religião, não rara vez traz ensinamentos científicos, a carne do porco dos judeus proibida por causar cisticercose se mal cozida ou assada, a postectomia para se evitar fimose, a proibição de casamento entre consanguíneos próximos para se evitar doenças genéticas, até exemplos mais sutis e de utilidade reflexa, como o ciclo hídrico descrito em Eclesiastes, abaixo citado.

Exatamente nesta seara pretende adentrar este artigo ao destacar um pensamento inerente ao homem, tanto em termos históricos quanto subjetivo, a partir do qual o ser constrói a noção mais rudimentar das engrenagens do mundo. Ao supor o aprendizado e a vivência sintomas da experiência, seu regresso ao ponto de origem (primeira lembrança de qualquer aprendizado teórico ou empírico), permite divisar nuances e minúcias antes despercebidas, lapidando um constructo perene.

Demais disso, a arte de incutir saberes que a outro modo seriam inapreensíveis, sobretudo ao tratar a questão como se palimpsesto fosse, floreando escritas, fatos e hipóteses sobre o subentendido, utiliza-se das

entrelinhas para alinhar algo maior que o propósito do indivíduo permitiria, aprender em cima do aprendizado que dispõe, aprender de novo, com olhar experiente sobre a mesma matéria. “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.” (Cora Coralina, 1997.), ao promover a inversão da lógica temporal entre as ações aprender e ensinar, aquele após esse, a autora confere um caráter de renovação ao aprendizado, de reflorescimento do saber arraigado por meio do contato com o efeito que ensinar causa no outro.

O estratagema aqui tratado, a fim de garantir a continuidade da vida, trespassou civilizações de complexas organizações sociais, bem como de profundos saberes da Natureza, fornecendo fôlego para a sobrevivência, permanência e prosperidade, à exceção da interferência bélica do próprio homem, o cataclisma de si mesmo por excelência.

O intento aqui disposto pretende entender as conexões semânticas das primeiras religiões, isto é, o que os seus dogmas determinavam e o que de fato significava, o texto dentro do texto, é preciso lê-los com outras lentes para se extrair o real sentido, parece claro que a carruagem de fogo, encontrada na bíblia em passagem sobre o profeta Elias, o qual foi levado ao céu por ela (2 Reis 2:11), não é exatamente uma carruagem de fogo que voa, mas um sinal da providência (para quem crê), também a carruagem de Krishna em Mahabharata, não trata de aspectos físicos reais, mas uma compensação intelectual de seu poder:

E aquela carruagem se assemelhava em esplendor ao fogo que se manifesta na hora da dissolução universal, e em velocidade também. E era provida de duas rodas que se assemelhavam ao sol e à lua em brilho. E trazia emblemas de luas, crescente e cheia, e de peixes, animais e pássaros, e era adornada com guirlandas de diversas flores e com pérolas e gemas de vários tipos ao redor. (DHARMA, KRISHNA. MAHABHARATA - VOL. 1 E 2 - o maior épico espiritual de todos os tempos. Coletivo Editora; 1ª edição, 2020).

E, de uma visada mais prática, o estudo passeia, ainda que de modo superficial, sobre os desdobramentos do pensamento Ocidental, integrando Física e Matemática, Filosofia e Lógica. Além de suscitar hipóteses sobre topologia e Arte e o seu imbricamento.

A justificativa do presente ensaio surge da percepção de uma lacuna crítica nas interpretações niilistas em diversas obras, de diferentes autores, por certa obscura com o todo implicado no problema do eterno retorno, ou mesmo subestima do conceito.

Assim, a contribuição acadêmica daí derivada tem a ensanha de alargar a compreensão dessas narrativas, ampliando a significação do que antes era tido como um estamento religioso ou dogma cultural, à visão sem bordas de uma simbologia da vitória existencial, transcendendo as limitações impostas pela ingenuidade própria dos sistemas rígidos de estratificação social, designado de modo deletério pelas castas.

O método utilizado consiste no comparativo analítico livre, ou seja, as correlações desafiadas ou partem do autor, sendo sua criação, ou adaptadas a um contexto maior, são igualmente de sua responsabilidade.

O objetivo desse artigo é retirar a mística que se acerca do problema do eterno retorno, desafiando paradigmas estabelecidos pela crença no incognoscível, ao passo que fornece uma perspectiva lúcida sobre questão do niilismo, e não fatalista-suicida. Podem ser citadas como obras bases “*Dicionário de Símbolos*”, de J. Chevalier, A. Gheerbrant, “*Discurso do método*”, de R. Descartes, “*Assim Falou Zaratustra*”, de F. Nietzsche, e, “*Alquimia & Misticismo*”, de A. Roob.

2 CIVILIZAÇÕES COMUNICAÇÃO

Ter como terreno o infindável espaço mental para rascunhar pensamentos de enlevo, de pronto recorde da irretocável fala de Hamlet, sob a pena de Shakespeare, “*I could be bounded in a nutshell and count myself a king of infinite space*”, Act 2, Scene 2, em livre tradução “*eu poderia estar recluso em uma casca de noz, e ainda assim ser rei do espaço infinito*”. O adágio não é gratuito, e significa que, a despeito das circunstâncias, voltar a si representa o seu maior porto seguro.

Essa sucinta noção serve para atinar ao viés simbólico exposto pelo eterno retorno, desde os tempos prístinos, expresso com aura sobrenatural. Por

religiões e culturas diversas, em termos geográficos e históricos, a questão começou a se moldar pela observação da abóboda celeste. Via de regra, povos residentes no hemisfério Norte, viam na “cruz do Sul”, ou CRUX, ou cruzeiro do Sul, o movimento descendente do Sol, percorrendo a linha imaginária vertical da figura (madeiro), até o seu ocaso (“morte”), interrompendo aparentemente o percurso e permanecendo imóvel ao longo de três dias, quais sejam 22, 23 e 24, para, então renascer no dia 25 de dezembro.

Assim foi com os egípcios, e o deus Horus, divindade que representa o Sol nascente, responsável pelo advento dos dias, cujo nascimento se deu no dia 25 de dezembro, e no trilhar de sua história, morreu por 3 dias e ressuscitou, a par de possuir 12 discípulos, associados às 12 constelações formadoras dos signos astrológicos.

De igual maneira, os persas adoravam o deus Mythra, divindade da luz, da verdade e do Sol, não coincidentemente nascido dia 25 de dezembro, o qual permaneceu morto por 3 dias e ressuscitou.

Jesus Cristo, personagem mais conhecido pelas pregações e intervenções em locais públicos, em cuja dádiva, acredita-se fora depositado o amor supremo, seu nascimento ocorreu não coincidentemente dia 25 de dezembro, ressuscitou 3 dias após sua morte. Vale ressaltar que a presença dos seus 12 apóstolos, muito em decorrência do transcurso do tempo, tem esmaecida a conexão direta com as 12 constelações celestes.

Com uma carga de analogia astrológica pouco menos complexa, todavia, ainda trazendo a tônica da iluminação pelos astros, intermediados de alguma maneira pelos deuses, a antiguidade clássica engendra a figura de Hermes, deus da sabedoria (iluminação) e da comunicação, o qual por extensão, é referido pelos romanos ao deus Mercúrio, também associado a Toth na mitologia egípcia, deus da sabedoria, da comunicação e do verbo, responsável pela concepção da escrita hieroglífica.

O intuito aqui, longe de uma discussão de cunho religioso, até porque interminável, se se supuser apenas o hinduísmo, encontram-se inúmeras variantes dentro da própria Índia, berço da religião védica, está mais próximo de uma invectiva a fim de extrair o significado jazente nas metáforas, especialmente

reduzida na certeza de retorno do Sol, do astro responsável pelo sucesso da lavoura, pelo aquecimento dos corpos, pela vida enfim.

O eterno retorno adquire laivos de dogma, porquanto submete o ato, a ação, à qualidade de absoluto, ao incontornável, deixando em aberto apenas a duração, o lapso temporal, *id est*, quão auspiciosa a jornada do ser que retorna, quanto tempo passará até que retorne ao ponto de origem, aí considerado qualquer ponto inicial que se possa ter ciência de um conhecimento específico passível de revisão, ou a consciência de um estado de presença, atento a sutilezas da mente. Importante frisar que o termo origem não está inscrito em um plano cartesiano, com coordenadas objetivas e ponderadas, antes de se tornar identificável por meio do processo cognitivo, deve passar pela percepção de quem a viveu. Existe um sentido poético que define a acepção a que se quer chegar em um aforismo de Kabir: “Onde quer que você esteja, este é o ponto de partida”.

Para além das culturas e tradições originadas no hemisfério Norte, os maias e astecas, habitantes da Mesoamérica (região da América Central), destacavam um sistema de notação do tempo baseada na recorrência e na circularidade. No tocante aos maias, o calendário evidenciava a elegância de sua concepção marcando o registro dos eventos de forma linear, uns relativamente aos outros, bem como ao próprio calendário.

O trabalho, antes mental, de sincronia das sazonalidades das estações com as etapas do processo produtivo agrícola, gera uma expectativa mais ou menos de certeza que ao fim do ciclo toda a população dependente do plantio conseguirá subsistir à inexorável passagem do tempo, à exceção dos desastres naturais ocasionais, esses imprevisíveis.

Da parte do povo asteca, o calendário contava com dois ciclos, um chamado de *xiuhpōhualli* (contagem de anos), composto por 365 dias, considerado um calendário agrícola, haja vista ser baseado no Sol; e, outro chamado de *tōnalpōhualli* (contagem de dias), de caráter ritualístico, composto por 260 dias. O entrelaçamento desses dois ciclos, denomina-se “rodada do calendário”.

Aqui, de forma evidenciada, há um calendário específico para a agricultura, já voltado para as atividades práticas, algo mesmo didático com o fito de espalhar o conhecimento tal e qual dogma a ser seguido.

Sob face diversa do prisma religioso que se possa observar as ilações a partir da observação das forças da natureza, quadra destacar a sabedoria judaica, hábil a demonstrar o conhecimento científico da circularidade, das estações e dos fenômenos naturais, por meio de imagens sagradas. Em leitura coligida dos textos do vigésimo primeiro livro da bíblia, ou para a bíblia hebraica, a Torá, o livro de Eclesiastes, denominado Qohelet, cujo significado consiste em "aquele que reúne", ressaem emblemáticos:

Eclesiastes 1:7: "Todos os rios vão para o mar, e, contudo, o mar não se enche; ao lugar para onde os rios vão, para ali tornam eles a correr". Ainda sobre o ciclo hídrico, Eclesiastes 11:3: "Estando as nuvens cheias, derramam a chuva sobre a terra".

Eclesiastes 1:6: "O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos." Referida descrição do comportamento eólico foi provada recentemente pela ciência meteorológica.

De caráter algo fatalista, Eclesiastes 1:9–10: "O que tem sido é o que há de ser; e o que se tem feito é o que se há de fazer: nada há que seja novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se diz: Vê, isto é novo? ela já existiu nos séculos que foram antes de nós."

E, no seu determinismo, Eclesiastes 1:5: "Nasce o sol, e põe-se o sol, dirigindo-se arquejante para o lugar, em que vai nascer.". O regresso pressupõe um momento reflexivo, de preparo, com o fito de reunir forças despendidas e canalizá-las em nova empresa.

Valendo-se, ademais, do campo imagético religioso, surge fulgurante a mensagem transmitida, melhor seria ensinamento, pelo mito (ou história) de Shiva. Isso porque, imbuído de seu poder descomunal, capaz de criar e dizimar mundos, brinca de aperfeiçoar suas criações até o ponto onde nada acrescentado traria algum proveito à obra.

Sob o manto desse cenário, quando ocorresse a saturação de sua verve criativa, obrigaria-se a fulminar o mundo criado, para somente então poder criar outro, não sobre os escombros daquele destruído, mas calcado na sua experiência anterior, com o aprendizado alargado até o ponto em que foi expandido e sofisticado o mundo destruído.

A fórmula hindu parece versar, de maneira simbólica, sobre o processo do conhecimento. Embora carregado de elementos por demais figurativos, o que a história diz é que para se atingir certo grau de excelência, por vezes, mostra-se necessário abandonar maneirismos e preconceitos, e sem esquecer do teor mais essencial daquilo deixado de lado, reformular/reestruturar a arquitetura do saber a partir de novas bases.

Considerando que alusivo conceito fora concebido há cerca de 6.000 anos (4.000 a.C.) no Oriente, causa enorme espanto saber que as suas peças religiosas não se desfizeram, muito pelo contrário, a lição de fundo simbólico passou a ser tomada como crença em uma história que ocorreu de fato. E, se por um lado, houve *intelligentsia* para elucubrar a passagem de um ensinamento complexo por meio de um conto fantástico, por outro, nada se fez para impedir a ignorância em massa de vicejar.

3 DESCARTES

Nesse sentido, do simbolismo permeado na história de Shiva, da aquisição do saber por meio de método, a filosofia ocidental se incumbiu de fornecer uma roupagem intelectualizada, capitaneada por *Descartes*, em seu *Discurso do Método*, tratado matemático e filosófico.

Na obra do filósofo francês, publicada em Leiden, Holanda – 1637, a idéia do eterno retorno se transfigura em quatro preceitos essenciais à depuração do método, sendo eles compostos por evidência, divisão, ordem, e, enumeração e revisão. O conceito que se depreende do discurso como um todo denota equivalência implícita ao processo, aqui objeto de estudo.

O primeiro, e mais radical preceito, o da evidência, repousa suas bases na crença de que os conhecimentos adquiridos por meio dos sentidos são

enganadores, e, portanto, induzem a conclusões igualmente falsas. E no intuito de anabolizar esse primeiro passo do método à verdade, Descartes concebe a dúvida hiperbólica:

Mas porque eu queria ir apenas em busca da verdade, pensei que eu tive que fazer exatamente o oposto, e rejeitei como absolutamente falso tudo em que eu pudesse imaginar a menor dúvida [...]; e finalmente, considerando que os mesmos pensamentos que temos enquanto acordados também podem vir a nós quando dormimos, resolvi fingir que todas as coisas que já passaram pela minha mente foram não mais verdadeiro do que as ilusões dos meus sonhos. (DESCARTES, René. Discurso do método. 1637).

Nesse aparte se identifica a imagem parelha a do sujeito que, formado em suas convicções cristalizadas, começa a afundar rumo à profundidade do Oceano cognitivo, e a cada submersão sua, intensificando a gravidade da queda, seus conhecimentos prévios iam-se-lhe abandonando como frutos percipiendos, aqueles cuja maturidade atingiu o seu ápice, sem, todavia, serem colhidos.

A metáfora implica dizer que, quanto maior a imersão no Oceano cognitivo, ou seja, quanto mais próximo estiver de seu ponto zero, tanto mais a dúvida absoluta acerca de tudo, ou a ignorância completa, irá lhe acercar. Nisso se aperfeiçoará o objetivo de lançamento.

Objetivo de lançamento na acepção relativa à providência, àquilo que deve ser feito em primeiro lugar, como também em sentido figurado, *id est*, o sujeito que atinge o ponto zero das bases do conhecimento, após de tudo duvidar (dúvida hiperbólica), está apto a construir seu novo estofo intelectual a partir de um impulso calcado na fundação sobre a qual repousa.

Ato contínuo ao impulso com vista a emergir à superfície, com o ímpeto de quem, ao se ver afogar em profundidade desconhecida, tateia com os pés em busca de solo para apoio a fim de se projetar, ascender à atmosfera, ávido por novamente respirar, sucederão os preceitos seguintes, responsáveis pela construção do verdadeiro saber.

No tocante ao segundo preceito, tem-se que constitui o cerne da técnica comumente referenciada cartesiana, qual seja a da divisão de um problema complexo, mesmo que de aparência insolúvel, em problemas menores e de

menor complexidade, representa a defesa do método analítico. E, esses de menor complexidade, em outros, até o problema se tornar simples, ou a solução.

Quanto ao terceiro preceito, o da ordenação dos pensamentos, não significa necessariamente criar uma hierarquia linear, dos mais simples e prontos ao conhecimento aos compostos, mas de organizar em cadeias de estímulos, ainda que não se relacionem diretamente entre si, dos de apreensão imediata aos mais requintados.

Separados, então, em blocos de aprendizagem, chega enfim o momento de hierarquizá-los pelo grau de complexidade. Alfim, constitui a recomposição de elementos previamente decompostos, ou síntese.

Após o que, de posse do quarto preceito, enumeração e revisão (*“A primeira verifica se a análise é completa, a segunda verifica se a síntese é correta.”* - Paulo R. R. Rodrigues), iniciar a montagem final do quebra-cabeça, já organizado pelo matiz das cores, pelos recortes de ângulos retos, obtusos e agudos, e assim formar o conhecimento sobre a matéria que se queria exaurir.

E, como ato final, a revisão de todo o saber construído, retornar ao problema inicial e perscrutar por falhas ou equívocos, e, desse modo, encerrar o processo quanto ao objeto de estudo perquirido, dando azo à nova empreitada.

Dentro desse entender, a dúvida hiperbólica constitui o ato de destruição de Shiva, os preceitos seguintes do método equivalem às sucessões da criação, de muitas outras porvires.

4 OUROBOROS E MÖBIUS

Em paralelo à destruição de seu mundo, de sua criação, emerge a figura do Ouroboros, a qual hipertrofia o veio condutor dessa narrativa ao simbolizar a destruição de si mesmo.

Ouroboros (do grego, “que consome a cauda”) se caracteriza imagetivamente pela serpente a engolir a sua própria extremidade, formando assim o conceito geométrico do círculo. Seus significados pelos manuscritos alquímicos refletem a idéia sempre presente de eterno retorno, ou em uma

concepção algo otimista, a espiral da evolução, e, de uma visada com larga licença poética, a “dança sagrada de morte e reconstrução”.

A datação desse símbolo essencial, dotado de carga de complexidade epistêmica e espiritual, remete aos primórdios da civilização, sendo o seu *début* uma obra egípcia sagrada, na qual se apresenta por duas vezes na mesma imagem, o que leva a crer, essa frequência do uso, em conhecimento tácito pelos aptos a manusearem o livro, ou seja, sua origem precede o primeiro documento de que se tem ciência, está em um período embaçado pela dificuldade de conservação dos materiais de registro e pelo caráter segregacionista empenhado no saber, em especial aqueles voltados à liturgia dos faraós:

A primeira aparição conhecida do Ouroboros está no "Livro Enigmático Do Mundo Inferior", um texto funerário em KV62, na tumba do imperador Tutancâmon, no século XIV A.C. O texto diz a respeito do Deus Rá e sua união com Osíris no submundo. O Ouroboros é retratado duas vezes na figura: Segurando suas caudas nas suas bocas, uma cercando a cabeça e a parte superior do peito, a outra cercando o pé de uma figura maior, que talvez represente a unificação Rá-Osiris (Osíris reencarnando como Rá). (...) As figuras divinas representam o começo e o fim dos tempos. (cfr. Abraham Eleazar, "Uractes chymisches werk", Leipzig, 1760, in "Alquimia & Misticismo", Alexander Roob, Taschen, Lisboa, 1997, pág. 403.)

Sua significação ampla permite depreender dentre uma das acepções, a desordem disforme que sujeita a se cercar pelo mundo da ordem, e nesse andar, resplandecer a renovação periódica deste mundo.

(...) a circunferência vem completar o centro para sugerir, segundo Nicolau de Cuse, a própria idéia de Deus. A Urobóro também é símbolo da manifestação e da reabsorção cíclica; é a união sexual em si mesma, autofecundadora permanente, como o demonstra a sua cauda enfiada na boca; é transmutação perpétua de morte em vida, pois suas presas injetam veneno no próprio corpo ou, segundo os termos de Bachelard, a dialética material 'da vida e da morte, a morte que sai da vida e a vida que sai da morte.' ("Dicionário de Símbolos", Chevalier, J. e Gheerbrant, A., 15ª edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, pág. 816.)

Esse símbolo contém ao mesmo tempo as idéias de movimento, de continuidade, de autofecundação e, em consequência, de eterno retorno. (Opus citatum, pág. 922.)

Com a sofisticação da geometria espacial, a figura bidimensional do Ouroboros evoluiu para a *Fita de Möbius*, claro está que a associação aqui feita é livre, e, condiz tão-somente com os objetivos deste texto, não há paralelos na literatura.

A *Fita de Möbius* perfaz de igual maneira a figura do círculo, todavia, com particularidades da topologia. Imagine-se um segmento de reta constituído por um *tagliatelli* (ou simplesmente, *fita*), rotacione (torça) as extremidades, uma noventa graus sentido horário, outra noventa graus sentido anti-horário (ou qualquer soma cujo resultado seja 180 graus, 0 e 180, 1 e 179, *et al*), junte-as na forma de um círculo, de tal modo que a superfície da figura se torne una, isto é, não existe mais o lado de dentro e o lado de fora, mas um *continuum* indevassável.

Uma das características mais fascinantes da fita de Möbius repousa no que a Matemática denomina de "objeto não orientável", ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, ou a de dentro e de fora.

O nome foi cunhado graças ao seu teórico, August Ferdinand Möbius, que estudou o objeto em 1858, tendo em vista a obtenção de um prêmio da Academia de Paris sobre a teoria geométrica dos poliedros. Referido trabalho fora publicado apenas em 1865, sob o título *Über die Bestimmung des Inhaltes eines Polyëders* (**A Few of My Favorite Spaces: The Möbius Strip**, por Evelyn Lamb, publicado no blog da "SCIENTIFIC AMERICAN" em 31 de janeiro de 2016, disponível em: <https://www.scientificamerican.com/blog/roots-of-unity/a-few-of-my-favorite-spaces-the-moebius-strip/>; acesso em: 02 de abril de 2025).

O que Möbius fez com a fita, Escher fez com o círculo de Möbius. Ao aplicar uma torção a partir de dois pontos extremados na figura, noventa graus sentido horário em uma, noventa graus sentido anti-horário noutra (ou qualquer soma cujo resultado seja 180 graus, 0 e 180, 1 e 179, *et al*), o pintor holandês obteve o símbolo do infinito conjugado a uma superfície infinita.

A fascinação pela topologia de Möbius em Escher parece decorrer naturalmente como extensão de seu universo criativo, povoado por objetos tridimensionais impossíveis, arquiteturas permeadas de perspectivas propositadamente desconstruídas, mas com aparente encaixe, e, pontos de

fuga não mais escolhidos como um *savoir-faire* inerente à arte, mas um preceito matemático universal, pautado em cálculo puro, capaz de compor a junção de planos diferentes em uma imagem indivisa sob um único ponto de vista.

O resultado dessa convergência entre linguagem racional e linguagem estética perturba o senso de realidade, transborda a percepção do possível para uma abstração do vir a ser, algo semelhante ao futuro do pretérito, o que seria se fosse possível a realização de uma conjectura absurda.

Nesta etapa do desenvolvimento do tema, devem sobejar fragmentos epistemológicos de que a complexidade do problema do eterno retorno está na sua configuração vária, de identidade multifacetada não se resume a uma questão filosófica, de abalo dos conhecimentos adquiridos, tampouco se restringe aos estudos das escolas iniciáticas, cuja fé no princípio criador seja força motriz para a compreensão de sua mística. Além do que a Arte exerceu seu mister em representar soluções oníricas, a Ciência Matemática, guiada pela genialidade ocasional de seus operadores, revelou indícios de que a questão deve ser tratada como um problema de fundo, sempiterno e subjacente aos de fato.

5 POINCARÉ

No teorema da recorrência, Henri Poincaré, inicialmente proposto em 1890, e posteriormente provado em 1919 por Constantin Carathéodory, utilizando-se da teoria das medidas, assevera que sistemas mecânicos isolados, respeitadas determinadas restrições, após o decurso de tempo suficientemente longo, todavia, finito, retornarão ao seu estado original (*status quo ante bellum*), ou à situação muito próxima da inicial, dependendo do rigor e precisão com que exigido das condições conformadoras do ponto inicial do sistema.

De relevo salientar que se se pensar em termos da mecânica quântica, adentrar-se-á no campo dos sistemas físicos cujas dimensões são próximas ou abaixo da escala atômica, composta por partículas subatômicas, a exemplo de, mas não se exaurindo em, Pósitrons, Quarks, e, Neutrinos.

Noutro extremo, com respaldo na mecânica newtoniana e as leis dela derivadas, ressaí a fenda pela qual se faz possível o estudo dos corpos celestes. Nesse passo, sem adentrar nas nuances da teoria dos sistemas (*Teoria Geral dos Sistemas*, de Ludwig von Bertalanffy), a definir sistemas abertos e sistemas fechados, o infinitamente pequeno e o descomunal são meras escalas para a sucessão dos eventos integrados em determinado objeto de pesquisa.

Esse *páthos sistêmico*, consubstanciado no eterno retorno, aqui designado por essa expressão mercê da inevitabilidade de se incorrer em seu círculo vicioso, abarca em seu imo uma composição de *páthos* que trifurca nas acepções trazidas pela disposição originária do sujeito, aludindo à paixão e os desígnios dela advindos, à patologia e os acidentes por ela causados, e/ou, ao sujeito patético. Assim, tem-se que paixão comove, patologia infecta, e, o que detém caráter de patético causa piedade. O que define a que *páthos* está se aludindo é a medida de sua intensidade ou a sua absoluta ausência.

Em grau inserto em escala de certa razoabilidade o *páthos* apaixona (paixão), em grau extremo adoece (patologia), e, nas hipóteses em que ausente, tem o poder de provocar o sentimento de dó, piedade compassiva (patético).

6 NIETZSCHE

A partir dessa concepção, o eterno retorno recebeu tratamento algo sofisticado e tanto mais intelectualizado sob a pena de Nietzsche. O termo para a “eterna recorrência” (a opção apresentada pelo presente texto recai em “eterno retorno”, pois, acredita-se que “eterna recorrência” implica em designar um sujeito sem consciência do devir, enquanto “eterno retorno” pressupõe um indivíduo cômico do mundo em que inserido, a despeito de sua indesejável impotência para evitar o retorno) em alemão é “*Ewige Wiederkunft*”, não que importe saber, mas se inteirar do conceito e identificá-lo nas obras a fim de coligir os recortes e costurar um pensamento sólido e inabalável.

Das obras relevantes quanto ao pensamento da recorrência eterna, destaque para “A Gaia Ciência”, em especial parágrafos 285 e 341, e, “Assim Falou Zaratustra”. Nada obstante, o exaurimento da questão somente tenha

exsurgido em obra póstuma, intitulada “*Notes on the Eternal Recurrence*”, publicada em 2007.

Interessante notar que em “*Ecce Homo*” - 1888, há o registro de que o eterno retorno era o gérmen, a “concepção fundamental” de “Assim Falou Zaratustra”.

Para o filósofo alemão, o eterno retorno era visto de modo deletério à existência, porquanto impingia o que diria “o pensamento do maior fardo”, de igual maneira descrito como o pensamento “mais oneroso”. A só idéia do conceito do eterno retorno, de sua abstração, constituía a afirmação final da vida, um óbice “horrível e paralisante”, melhor descrito no §341 de “*A Gaia Ciência*”:

Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência - e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez, e tu com ela, poeirinha da poeira!. (...), a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela? (*A Gaia Ciência*, §341).

Complementa a definição, esta com viés fatalista, talvez referenciando outro conceito seu, *amor fati* (amor ao destino), trecho de “*Notes on the Eternal Recurrence*” (2007):

Companheiro! Toda a sua vida, como uma ampulheta, sempre será revertida e se esgotará novamente - um longo minuto transcorrerá até que todas as condições das quais você evoluiu retornem na roda do processo cósmico. (...) Esse anel em que você é apenas um grão brilhará novamente para sempre. E em todos esses ciclos da vida humana, haverá uma hora em que, pela primeira vez, um homem, e então muitos, perceberão o poderoso pensamento da eterna recorrência de todas as coisas: – e para a humanidade, essa é sempre a hora do Meio-dia. (*Notes on the Eternal Recurrence* – Vol. 16 of Oscar Levy Edition of Nietzsche's Complete Works.).

Já a obra de maior impacto do filósofo, “Assim falou Zaratustra”, reputa a uma alegoria do vir a ser, por meio da figura fictícia de um profeta da verdade,

em diálogos ou solilóquios, assemelhados a vaticínios como que oriundos do oráculo de Delfos, os quais referem-se diretamente à condição ignara de seu interlocutor, e, reflexamente ao próprio homem.

Em diálogo nevrálgico entre Zaratustra e o anão, enquanto o primeiro procurava ascender espiritualmente, o anão fazia o contraponto ao lembrá-lo que: *“toda pedra arremessada deve cair! [...] Condenado a ti mesmo e ao teu próprio apedrejamento, ó Zaratustra, bem longe, sim, arremessaste a pedra, mas é sobre ti que ela cairá de volta”* (NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Parte III, Da visão e do enigma.*).

Após o que, tomado de ímpeto resoluto quanto à necessidade de explanar ao anão a fórmula para alquebrar o devir, Zaratustra vocifera altissonante:

Tudo aquilo, das coisas, que pode caminhar, não deve já, uma vez, ter percorrido esta rua? Tudo aquilo, das coisas, que pode acontecer, não deve já, uma vez, ter acontecido, passado, transcorrido? E se tudo já existiu: que achas tu, anão, deste momento? Também este portal não deve já –ter existido? E não estão as coisas tão firmemente encadeadas, que este momento arrasta consigo todas as coisas vindouras? Portanto–também a ti mesmo? Porque aquilo, de todas as coisas, que pode caminhar, deverá ainda, uma vez, percorrer –também esta longa rua que leva para a frente! (...) E voltar a estar e percorrer essa outra rua que leva para a frente, diante de nós, essa longa, temerosa rua– não devemos retornar eternamente? (Opus Citatum, págs. 166 e 167).

Assim, para equacionar a solução, e de posse de uma intertextualidade com a “roda da vida” do budismo, na qual os eventos se repetem *ad nauseam* até que a alma alcance a salvação, também entendida como libertação, indícios de que Nietzsche bebeu da fonte sobejam ao se compreender que o único meio viável para sair do encadeamento do eterno retorno é estar imbuído da “vontade de potência”.

Essa qualidade subjetiva, aliás, pouco desenvolvida nos escritos do filósofo, deve ser suficientemente ultimada para se desvencilhar do eterno retorno. Para tanto, a força inercial em relação a um ponto da curvatura do círculo vicioso (pseudo força centrífuga, posto que, a rigor, tal força não existe, haja vista o fato de a cada movimento angular desenvolvido, corresponder a inércia para

manter o corpo em trajeto retilíneo), tem de se mostrar capaz de projetar para fora do círculo sistêmico *páthos* o indivíduo dotado de vontade de potência.

7 CONCLUSÃO

Sob uma breve perspectiva da história das religiões entrelaçada com saberes das primevas civilizações, deixando-se afluír no pensamento racional do Ocidente, e por fim, revelar desdobramentos nas artes conjugadas às Ciências, vê-se que o problema do eterno retorno encontrou caixa de ressonância em Nietzsche, responsável por positivar a questão e cravar abertamente na literatura o marco a partir do qual toda a discussão tem de passar.

Dentro desse entender, conclui-se que o mérito do filósofo não está em criar o conceito do eterno retorno, tampouco a “transvaloração dos valores do niilismo”, termo aliás forjado por Ivan Turguêniev, e *modus vivendi* apregoado pelos estoicos, mas de instrumentalizar esse ferramental à disposição, ainda que de difícil percepção, situado nas raias do explícito e do inconsciente, e por meio de aforismos e alegorias, esgarçar a fenda pela qual haveria de nascer o seu *Übermensch* (super-homem), solução última para o problema.

A mensagem que subjaz, e de repúdio, revela que a consciência não deve permitir cair em qualquer situação de eterno retorno, de caráter humano, e nela permanecer. Em geral, será preciso um piparote moral e de amor-próprio a fim de se lançar distante da curvatura do círculo vicioso, amparado pela vontade de potência, e assim alçar voo em sentido à vida plena.

Ex positis, os resultados obtidos nesta pesquisa podem auxiliar a academia a formular novo entendimento sobre o niilismo, direcionando o faixo luminoso do usual e desgastado cenário tétrico niilista para a sua verdadeira causa, o problema do eterno retorno, pouco discutida em âmbito acadêmico ou leigo.

Almeja-se, ademais, que ao conectar filosofia e cultura de maneira transgressora, a compreensão do ser humano em contextos e, sobretudo, veículos distintos, literatura, cinema e pintura, ressoe mais cristalina e menos especulativa.

Vilém Flusser ajuda a elucidar o problema no recorte abaixo:

Resíduos de fé podem ser encontrados em todos esses terrenos, menos na filosofia, mais na sociedade, mas resíduos condenados. Não é a partir deles que sairemos da situação do niilismo, mas a partir do próprio niilismo, se é que sairemos. Trata-se, em outras palavras, da tentativa de encontrar um novo senso de realidade. (FLUSSER, 2011, p. 29)

Destarte, o problema do eterno retorno não está inscrito no plano do sobrenatural, mas do simbólico. E a sua resolução, longe de espectral, encontra termo no sujeito e de forma individuada.

Por derradeiro, de relevo destacar que esta pesquisa não advoga qualquer corrente religiosa, ou mesmo a sua ausência, sendo as limitações de cunho interpretativo sócio-cultural, uma vez que os próprios autores se inserem em cultura e sociedade distintas das citadas ao longo do texto, por mais que haja a intenção de se abster de qualquer preconceito. Nesse sentido, a fim de amainar algum sentimento porventura ofendido, recomenda-se para trabalhos futuros a apresentação de uma pluri-visão epistemológica dos temas eventualmente controversos, em especial aqueles de caráter religioso e/ou que envolvam tradição arraigada.

REFERÊNCIAS

- BERTALANFFY, L. von - **Teoria Geral dos Sistemas: Fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. Editora Vozes; 8ª edição (1 janeiro 2014).
- BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. - **Dicionário de Símbolos**. 15ª edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2000.
- CORALINA, C. **Vintém de cobre: Meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global Editora, 1997.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre-RS, Editora Penso – 5 ed., 2021.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Ática; 1ª edição, 2006.
- DHARMA, KRISHNA. **MAHABHARATA - VOL. 1 E 2** - o maior épico espiritual de todos os tempos. Coletivo Editora; 1ª edição, 2020.
- ELEAZAR, A. **Uractes chymisches werk**, Leipzig, 1760.
- FLUSSER, V. **A dúvida**. São Paulo: Annablume, 2011.
- GUIMARÃES, J. O. S. **Poincaré e a teoria da relatividade: crivo e legado**. 2004. Mestrado no PPG em História da Ciência, PUC-SP, CAPES, sob orientação de Roberto de Andrade Martins.
- KABIR. **Kabir Cem Poemas. 1440 – 1518**. Editora Atar, 2015.
- LAMB, E. **A Few of My Favorite Spaces: the Möbius Strip Meet the Möbius band, the topological space with the most poignant storytelling potential**, publicado no blog da "SCIENTIFIC AMERICAN" em 31 de janeiro de 2016, disponível em: <https://www.scientificamerican.com/blog/roots-of-unity/a-few-of-my-favorite-spaces-the-moebius-strip/>; acesso em: 02 de abril de 2025).
- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Publibooks Livros e Papeis Ltda, 2013.
- NIETZSCHE, F. **Notes on the Eternal Recurrence – Vol. 16 of Oscar Levy Edition of Nietzsche's Complete Works**. 2007.
- POINCARÉ, H. **Sur le problème des trois corps et les équations de la Dynamique** (1890).
- RODRIGUES, P. R. **Descartes: os quatro preceitos do discurso do método**. Veritas, Porto Alegre, v. 43, nº 2, junho de 1996, p. 365 – 369.
- ROOB, A. **Alquimia & Misticismo**. Taschen, Lisboa, 1997.
- SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Penguin-Companhia; 1ª edição (12 agosto 2015).